

UOTAFAC!

What a f?*

Detenho-me a olhar para a escova de dentes do Luca que transporto sempre comigo e uotafac, a memória do miúdo de uns sete anos sentado ontem no muro à beira da ponte D. Luís, Luís, sei lá, faz tcheec, um *flash*. Não sei porquê. O Luca nem sequer nasceu no Porto. Uotafac!!!! Os pais e avó agarravam-no, mas ele tentava heroicamente mostrar, antes de mais, que é do norte e pode dizer palavrões e, depois, que já é um produto da nossa era ou do turismo de massa que invade a cidade invicta.

Nunca guardei nenhuma escova de dentes do meu ex-marido. Irritavam-me, aquelas escovas que desfilavam no lavatório, gordas, magras, altas, baixas, azuis, amarelas, verdes, roxas, macias, médias, duras, extraduras. Embora sempre impecáveis, modelos su-

persónicos acompanhados por carradas de recargas entregues trimestralmente num pacote de cartão da Amazon. Natal. Presentes constantes de Natal. Porque Natal era quase todos os dias. Natal é quando o marido quiser! Deixo a casa de banho feita nuvem e deito-me mais um pouco. Estou nua e mergulho também na água da minha imaginação, Pessoa. E publico no Facebook uma foto pirosa, tem piada.

Tem piada, não consigo escrever tem graça, não acho graça a Graças, *bitch*, e eu a encarnar no miúdo de Gaia, *bitch*, *bitch* à caça de um marido engravatado mas com um lado obscuro de coleccionador, colecionador, sem acordo ortográfico, Siri, já sabes, de escovas de dentes. Uma foto pirosa, dizia, com uma frase sobreposta, *Freedom is being you without anyone's permission*. Gosto de coisas pirosas, às vezes. Como desta cama onde sou livre e sou eu. Eu! Pela primeira vez, eu, princesa pele de burro, presa desde sempre em mim pelas minhas mãos inquisidoras. *Freedom is being me without anyone's permission*. *For once in my life I can touch what my heart used to dream of*, canta-me a minha *playlist* no iPad.

E, neste colchão, ansiolítico fechado num envelope, *Return to sender, return to sender*, e visualizo agora um filho à viola e o outro a entoar alto a canção para que o pai oiça a campainha e abra a porta ao carteiro, neste colchão volto a lembrar-me do miúdo de Gaia e das palavras obscenas que há trinta anos ouvi, chocada, no eléctrico que passava pela Ribeira, o primeiro passeio ao Porto desde a partida para Lisboa com a família. Acompanhada pelo futuro *sender and receiver*

de ansiolíticos, mochila às costas, sem escova de dentes. Nem nos atrevíamos a rir, com receio de sermos esmurrados por algum daqueles palavrões trocados, inocentemente, decido agora, entre as mulheres que aliam. Peixeiras? Prostitutas? Hum, não! Simples donas de casa sem paciência para os maridos.

Como eu, *bitch*. Maridos que entravam em casa bêbedos do vinho ou do sexo, depois de uma passagem pela taberna ou pela casa da vizinha, *bitch*!

A almofada branca devora-me, asfixia-me, e não me deixa começar a elaborar a crónica para a revista feminina que aqui me trouxe. Devora-me e eu deixo-me ir, mergulho agora na noite passada, vivida, vívida, inebriada pelo aroma de cabelos de seda grisalhos, aroma de pele áspera, macia agora, eu a perder outra vez o meu ego, existo onde não penso, Freud, alto-mar, tempestade, ondas, noite, corpos, como? Devora-me com a voz que me domina, me estremece e entontece e da qual não consigo libertar-me.

Um nescafé no minibar do quarto! A única poção que me faz regressar ao superego.

O que pode levar uma mulher a ler uma crónica de duas páginas? Será a sua insegurança a única motivação para perder cinco euros num conjunto de inutilidades coloridas? A necessidade de estar formatada para ser aceite no círculo social onde se movimenta? Uns sapatos dourados à noite com uma túnica *hippie*?, nem pensar, nunca o faça, mais vale não sair de casa!

Há já muito que me desinteressei da moda. Porque não está e nunca estive na moda este sonhar, este correr de olhos fechados na passadeira do ginásio.

A passadeira do ginásio

Ou como insistir numa relação sem futuro

Por Pi Palmeira

Encontrei há dois meses a minha amiga. Estive na casa da minha amiga. Sozinha, na sala da minha amiga. Triste, no sofá da minha amiga. Aquela amiga que deixei de ver e que somente aparecia nos raros sonhos com o liceu. Eu era pequena e magra, cabelos loiros que não acabavam, demasiadamente lisos para os poder apreciar. A minha amiga, a minha amiga era tudo aquilo que eu não podia ser. Por isso, admirava a minha amiga alta e musculada, cabelos pretos encaracolados. Ela fumava um maço de tabaco por dia, eu nunca tinha passado de uma passa no cigarro dela. Ela achava o máximo não ir às aulas. Eu achava imprescindível não perder uma palavra do professor Cássio, cujas equações masoquistas ainda estão hoje cravadas na minha cabeça. Ela arranjava todas as desculpas para não fazer os trabalhos de casa. Eu esforçava-me por ter a melhor nota.

A minha amiga gostava de ir aos Porfírios na Rua de Santa Catarina comprar a roupa da montra. Eu gostava de ir à Lello ver as prateleiras mais escondidas.

A minha amiga não tinha irmãos. Eu e os meus irmãos éramos os irmãos da minha amiga. Eu ocupava um espaço que não existia na casa da minha amiga. A minha amiga mexia-se na minha casa como um de nós.

A minha amiga precisava de mentir à mãe quando ia sair comigo. A minha mãe sabia que eu ia sair com a minha amiga.

A minha amiga namoriscava vários rapazes do D. Ma-

nuel II ao mesmo tempo. Os mais giros e populares. Com dezassete anos eu já tinha um namorado sério. E só ela via nos meus olhos baços que tinha de me tirar dessa infelicidade de viver a vida demasiadamente a sério. A minha amiga fazia tudo por mim, irmã mais velha dedicada. Encontrávamo-nos com amigos que ela supunha do meu género e tentava que eles me tirassem dessa prisão. Eu não ajudei nunca a minha amiga. Como se ajuda quem se admira?

Casei passados sete anos com o primeiro namorado. A minha amiga saía connosco até ao dia em que me abandonou na igreja, certa de que não poderia continuar a lutar pela minha liberdade.

Nunca mais vi a minha amiga.

Mas finalmente encontrei a Gui na farmácia de serviço da Afurada.

Eu reconheci-a e ela reconheceu-me também. «Estás igual», foram as nossas palavras depois do longo abraço onde os anos de ausência não couberam.

A Gui não envelheceu. Os mesmos cabelos pretos, o mesmo ar musculado, a mesma voz de um maço de tabaco diário.

Fui ao apartamento da Gui, a uns metros da farmácia. Bebemos um *gin* na sala pequena e estática. Quase trinta anos de vida que desconheço a transpirarem na almofada que reconheci imediatamente e à qual estive encostada. A Gui casou-se mais tarde, com receio de ficar sozinha se as rugas continuassem a aumentar, confidenciou-me. Os olhos bondosos do marido mulato de aspecto bonacheirão brilhavam na moldura de estanho que tinha herdado dos pais. Conseguiram assegurar-me que o envelhecimento dela não o afectaria nunca. Rimos e relembrámos os anos de convívio diário.

A Gui não envelheceu. À volta da Gui sim, tudo parecia ter-se desfeito.

A meio de uma gargalhada, um telefonema urgente obrigou-a a sair. «Venho já! Importas-te?» Pediu-me para esperar por ela, dentes brancos a contrastarem com o negro dos cabelos.

Eu não tinha pressa. Não podia encontrar-me com o meu namorado porque era domingo. O domingo é dedicado aos filhos, decidimos. Aos sábados, sim, estamos juntos, pois a semana é frequentemente atribulada. Se os filhos estão conosco, fazem por não perceber o desejo de arrumações que a qualquer hora do dia nos obriga a fechar portas de quartos, garagens ou despensas.

A Gui é contabilista numa empresa de vinhos desde que acabou, já casada, um curso privado nessa área. Explicou-me o que fazia enquanto ligava e desligava as luzes da casa, mostrando-me cada divisão com indiferença. Era um apartamento com dois quartos que tinham comprado depois da morte súbita dos pais dela.

Quando saiu, percorri devagar cada espaço, uma tentativa de compreender quem ela é depois de tantos anos. Na casa da Gui o tempo certamente parou. No quarto, sob uma colcha de veludo sem cor, um mar ondulado substituíra o que fora possivelmente um colchão. Na mesa de cabeceira, dois livros sobre gravidez e três sobre puericultura teimavam em perpetuar a infância das duas filhas, uma delas adotiva. O quarto que ambas tinham partilhado mantinha os móveis coloridos e as colchas da Barbie. Por que motivo morariam com os avós paternos há já cinco anos em Moçambique? Não tinha querido explicar-mo, pareceu-me. Na casa de banho, acumulavam-se cremes e perfumes já fora do mercado, letras quase ilegíveis devido ao pó entranhado.

Antes de sair, a Gui pediu-me, com o mesmo à vontade de irmãs que se reviam, para preparar qualquer coisa para jantarmos. O marido estava há um mês em Moçambique. Sabendo que os meus filhos adoravam estar sozinhos, aceitei o convite. Abri, então, um a um, os armários da cozinha que teimavam em se considerar brancos. Loiça de plástico com bonecos, copos de oferta, chávenas rachadas, taças diversas e dispersas, cemitério de inutilidades.

Do interior do frigorífico sujo escolhi uma embalagem de salmão fumado, um frasco de alcaparras aberto, dois sumos Compal, um pacote de alface-icebergue. De uma prateleira, onde em equilíbrio desorganizado jaziam frascos de doce abertos sobre latas de milho, feijão e sardinhas, descobri uma broa de Avintes que poderia torrar. Coloquei tudo sobre a mesa branca da cozinha que tinha absorvido há muito nódoas de vinho e café. Bastou um olhar mais atento para perceber que nenhum dos produtos tinha validade. Os sumos tinham já ultrapassado um ano e meio, o salmão seis meses, a alface duas semanas. A broa estava verde, as alcaparras negras.

Fiquei perturbada, naquele dia. Gui, que se passa? Como pode a vida passar por ti como um TGV? Onde estás, Gui? Porque desaparece ela sem dares por isso?

A ideia está a agradar-me, o estilo informal também. Mas há agora que relacioná-la com o Porto. Convenci a directora editorial a pagar-me a viagem até aqui. Até este espaço mais pequeno onde tudo é mais exagerado. Nunca uma mistura de *croque-monsieur* e *croque-madame* poderia permanecer no estômago tantos dias como uma francesinha. A dose que geralmente

partilho com o Luca daria para quatro refeições minhas. Porto. Tenho a certeza de que fui aqui concebida. Sim, exagerado, este pensamento. Exagerada, esta imaginação. Porém, totalmente desnecessário correr atrás deles para os prender na gaiola que ainda não consegui construir.

© Sibila Publicações